

## O primeiro Presidente dos afectos

*Manuel Teixeira Gomes tomou posse como sétimo Presidente da República faz agora cem anos. O 5 de Outubro mudou-lhe a vida da noite para o dia.*

**Nuno Severiano Teixeira | Público | 4 de Outubro de 2023**

Faz amanhã um século que, a 5 de Outubro de 1923, tomou posse como Presidente da República Manuel Teixeira Gomes. Foi um empresário de sucesso, um escritor da beleza, o diplomata da República e o primeiro Presidente dos afectos. Quando em 5 de Outubro de 1910 a República triunfou em Portugal, Teixeira Gomes tinha 50 anos e passado mais de metade da vida. E, no entanto, como ele próprio disse, a sua vida “mudou da noite para o dia”.

Nascido em Portimão no seio de uma família abastada, para trás deixara uma meninice feliz e uns anos duros no seminário de Coimbra, espécie de internato a que as boas famílias do Reino confiavam os filhos na preparação das letras. O pai destinara-o à Medicina e aos 15 anos entrou na Universidade de Coimbra. Não durou muito, pois a boémia literária e a propaganda política interessavam-lhe mais que a anatomia. Resultado: “[...] reprovações, anos perdidos, conflitos com a autoridade paterna, boémia descabelada, miséria, fome e literatura.”

Rompeu com a família, desceu a Lisboa e começou a frequentar os meios literários e políticos. Depois de um breve serviço militar, ei-lo no Porto uma vez mais entregue às artes, às letras e à política. Travou amizade com os grandes ideólogos do republicanismo. Nunca foi um revolucionário, mas cedo manifestou o seu ideal republicano. Porém, a vida diletante custava caro e o pai recusava-se a financiar a “boémia descabelada”.

Aos 30 resolveu mudar de vida. Filho pródigo, regressou a Portimão, reconciliou-se com a família e fez-se empresário de sucesso. Conhecedor de línguas, passa a fazer prospecção de mercados pela Europa fora, para os produtos da empresa familiar. Começa, assim, o ciclo “aventuroso das suas viagens”. Passava o Inverno em missão comercial no estrangeiro e regressava no Verão para a campanha do figo. Eterno viajante, repetiu anos a fio este ciclo aventuroso. Conhece os monumentos e a sua história, os museus e a sua arte, os teatros líricos e a sua música. E pelo caminho vai semeando paixões que imortaliza na sua literatura.

É neste intervalo sedentário de uma vida nómada que abre o ciclo da criação e dos primeiros sucessos literários. Entre o sossego da família, a prosperidade do negócio e o sucesso na literatura, supunha ter tudo para “ir folgadoamente singrando o muito ou pouco tempo que lhe restasse de vida”. Enganou-se: o 5 de Outubro mudou-lhe a vida da noite para o dia.

As amizades literárias, as cumplicidades políticas e o “mundo” que tinha, como nenhum outro da geração republicana, fazem dele o diplomata da República. Londres era o posto

mais importante da diplomacia portuguesa e o nome de Teixeira Gomes era quase natural. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Bernardino Machado não estava convencido, mas Teixeira Gomes tinha tudo. Era viajado e falava línguas. Tinha experiência do negócio e cultura intelectual. Tinha “mundo” e, se fosse preciso, sabia até ser *snob*, predicado fundamental na corte britânica.

Chegou a Londres a 7 de Abril de 1911 e não teve vida fácil. Mas, com a elegância de *gentleman* que o caracterizava, foi conquistando amizades na política, relações na imprensa e um lugar na sociedade. Ganhou respeito no *Foreign Office* e a simpatia do rei. Isto é, as condições para o exercício da diplomacia. Que lhe proporcionariam grandes vitórias diplomáticas. Primeiro, a batalha pelo reconhecimento internacional da República. Segundo, contra o acordo anglo-germânico sobre a partilha das colónias portuguesas. E terceiro, a da entrada de Portugal na Grande Guerra. Moderado e anglófilo, foi sempre leal ao seu governo, mas nunca hesitou em dizer para Lisboa o que considerava ser o interesse nacional. O que lhe valeu alguns dissabores, em particular, durante o consulado de Sidónio Pais, que o demitiu.

O fim do sidonismo devolveu-o à vida diplomática para uma última batalha. Antes a da guerra, agora a da paz: a Conferência de Versalhes e a Sociedade das Nações de que foi um dos vice-presidentes, em 1922. De Londres, olhava com preocupação o destino da República: o caos na fazenda, a desagregação nos partidos, a fulanização da política. Em Julho de 1923, o Partido Democrático lança a sua candidatura à Presidência. Não o desejava e começou por recusá-la. Mas o espírito de serviço fá-lo aceitar. Perante a instabilidade política ofereciam-se golpes militares e tentações autoritárias. Presidente constitucional, recusou-as sempre. Cultivava a proximidade e misturava-se com as pessoas. Ia à ópera em São Carlos como aos jogos de futebol. Foi um Presidente de afectos.

Desiludido, renunciou em 10 de Dezembro de 1925. Foi o último serviço que prestou à República. Mas não a Portugal. Do seu exílio voluntário, em Bougie (Argélia), deixou-nos algumas das mais belas páginas da literatura portuguesa do século XX. E mais do que isso, o testemunho da elegância e da dignidade, da beleza e da humanidade, os valores que escolheu para a sua vida. Devemos-lhe uma homenagem.

<https://www.publico.pt/2023/10/04/opiniao/opiniao/presidente-afectos-2065489>